

CriSe mundial dos alimentos: desafios e oportunidades para a agricultura brasileira

Airton Spies¹

Dois grandes debates foram abertos em todo o mundo recentemente. Um, em torno dos riscos do aumento generalizado dos preços dos alimentos e dos riscos de falta de comida. O outro, sobre os biocombustíveis e seus possíveis impactos sobre o abastecimento de alimentos e o meio ambiente. São questões multifacetadas e que no conjunto representam uma grande oportunidade para o Brasil, em função de ser o País com maiores vantagens comparativas e potencial para contribuir com produção para resolver a crise.

Nos últimos 3 anos, houve um aumento médio de 83% nos preços dos alimentos no mundo, sendo que o trigo aumentou mais de 180%. Os estoques mundiais atuais são os mais baixos dos últimos 25 anos, segundo a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação – FAO. Apesar da produção total de alimentos nos últimos 45 anos ter triplicado enquanto a população apenas duplicou, estima-se que poderá faltar alimento para suprir a demanda de toda a população humana do planeta. Há situações críticas de escassez na Coreia do Norte, Etiópia, Paquistão, Egito, Bangladesh e Gana. A produção mundial de grãos no ano agrícola 2007/08 foi superior à de 2006/07 para todos os grãos, com exceção da soja. Porém, como indicam os números da Tabela 1, os estoques finais diminuíram para todos, exceto para o arroz. Nesse período, foi consumida uma safra inteira, que foi maior que a anterior e ainda boa



Foto de Inácio Hugo Rockenbach

Produção de arroz com tecnologia: garantia de produtividade e abastecimento

parte dos estoques em função do aumento do consumo dos países em desenvolvimento, como a China e a Índia, e a destinação de milho para fabricar etanol nos Estados Unidos.

O impacto do aumento dos preços está afetando de forma mais intensa as populações mais pobres, que gastam a maior parte da sua renda com a compra de alimentos. No Brasil, as classes A e B, que têm as rendas mais altas, gastam em média apenas 17% do que ganham para comprar alimentos, enquanto as classes C e D (mais pobres) gastam acima de 30% da renda para se alimentar. O secretário-geral da Organização das Nações Unidas –

ONU –, Ban Ki-moon acusa os biocombustíveis pela escassez de comida, alegando que, com os atuais aumentos de preços dos alimentos, o número de pessoas no mundo que passa fome aumentou em 100 milhões.

O Brasil é reconhecidamente um País exportador de alimentos, ocupando lugar de destaque na produção e exportação mundial de produtos como soja, milho, açúcar e álcool combustível, suco de laranja, café, carnes e frutas. A pergunta que se lança nesse cenário de turbulências no mercado é como fica nosso país, e particularmente o Estado de Santa Catarina, nesse con-

¹Eng. agr., Administrador de empresas, Ph.D., Epagri/Centro de Socioeconomia e Planejamento Agrícola – Cepa –, C.P. 1.587, 88034-001 Florianópolis, SC, fone: (48) 3239-3900, e-mail: spies@epagri.sc.gov.br.

Tabela 1. *Produção e estoques finais de grãos no mundo*

Produto	Produção			Estoque final		
	2006/07	2007/08	Var.	2006/07	2007/08	Var.
milhões t.....		%milhões t.....		%
Trigo	592,9	606,7	+2,3	124,9	112,5	-9,9
Arroz	420,6	425,3	+1,8	76,1	77,1	+1,2
Milho	705,3	772,2	+9,4	108,2	102,9	-4,8
Soja	237,3	219,9	-7,2	63,3	49,3	-22,0
Outros grãos ⁽¹⁾	276,6	286,5	+3,9	29,5	24,6	-16,6

⁽¹⁾Inclui cevada, sorgo, centeio e aveia.

Fonte: Depart. de Agricultura dos EUA (USDA).

texto? Que impactos a crise está tendo e quais oportunidades e ameaças traz para nossa agropecuária?

A crise que alarmou as autoridades no mundo inteiro não tem apenas uma causa, mas um conjunto de fatores, alguns de ordem estrutural, e outros de ordem conjuntural. Do ponto de vista estrutural, destacam-se a longa fase de prosperidade e crescimento da economia mundial, principalmente nos países emergentes, e o aumento da população, que já atingiu 6,5 bilhões de pessoas em 2005, e está projetada para 8,3 bilhões em 2030 e 9 bilhões em 2050. Esses fatores, combinados com aumento de renda, geram um aumento significativo na demanda por alimentos. Outro fator estrutural é que a Organização Mundial do Comércio – OMC –, que passou a se responsabilizar pelas políticas de abastecimento no mundo no lugar da ONU, adotou uma estratégia de reduzir os estoques mundiais e estimular a livre circulação de mercadorias no mercado global. Com isso, reduziram-se as chamadas “montanhas” de alimentos estocados nos países ricos. No campo conjuntural, contribuíram para o aumento dos preços as secas ocorridas em alguns dos principais países produtores, como os do Leste Europeu e a Austrália, que sofre com 6 anos seguidos de estiagem. Ainda, a especulação financeira com “commodities”, o preço do petróleo que gerou aumento nos custos de produção, o enfraquecimento do dólar americano e, por fim, a produção de biocombustíveis,

que são acusados de desviar parte da produção agrícola, completam o conjunto de fatores que movimentam a alta dos preços.

Não há risco de desabastecimento de alimentos no Brasil.

Oportunidades para o Brasil e Santa Catarina

Olhando-se para o conjunto de causas da atual crise, percebe-se que, para o Brasil, essa é uma “crise boa”. A comida no Brasil ainda é barata quando a comparamos com a realidade internacional, mesmo quando ponderamos essa análise com a renda mais baixa dos brasileiros. Isso se deve em grande parte ao abastecimento interno que está assegurado e à flexibilidade de ajustes que nossa agricultura tem para responder com aumentos de produção a qualquer escassez de oferta, uma situação típica das economias de mercado. Portanto, não há risco de desabastecimento generalizado de alimentos no Brasil, pois este ano o País deverá produzir 142 milhões de toneladas de grãos. Podemos experimentar ofertas apertadas de alguns produtos específicos como é o caso do trigo, uma vez que o País é importador e países exportadores podem restringir as suas vendas externas, a exemplo da

Argentina. O problema da fome que ainda persiste no Brasil é um problema de acesso à comida por falta de renda de parte da população.

O Brasil utiliza 77 milhões de hectares de terra para a produção agrícola e outros 172 milhões para pastagens. Nessa área, é possível aumentar a produção de alimentos de forma significativa. Nos Estados Unidos, a produtividade média de milho é de 9.360kg/ha, enquanto a média brasileira é de apenas 3.650kg/ha. Isso indica que o Brasil pode contribuir muito para garantir o abastecimento mundial de alimentos, sem necessidade de prejudicar o meio ambiente ou expandir a fronteira agrícola sobre a Floresta Amazônica. Para isso, o País precisa de tecnologias e políticas públicas que permitam o aproveitamento desse potencial de forma sustentável.

Estima-se que do total de aumentos nos preços dos alimentos no mundo, apenas 15% a 25% seja consequência direta da produção de biocombustíveis. O impacto dos biocombustíveis sobre a produção de alimentos no Brasil também é pequeno, pois apenas 1% das terras é destinado à produção de cana-de-açúcar, onde se produz 540 milhões de toneladas de cana por ano. Destinando em torno de 55% desse volume de cana para a produção de biocombustível, em abril de 2008 o País já passou a consumir mais álcool do que gasolina em sua frota de automóveis. A produção de biocombustíveis de primeira geração que são feitos a partir de grãos, como o etanol de milho nos Estados Unidos, compete sim com a disponibilidade de alimentos e apresenta um balanço energético duvidoso. Mas esse não é o caso do álcool de cana do Brasil, que é de biocombustível mais eficiente. A cana-de-açúcar é considerada a “rainha da fotossíntese” e as tecnologias como a hidrólise celulósica já permitem que a planta inteira seja usada para a produção de energia. Os biocombustíveis de segunda geração, feitos a partir de biomassa (celulose), deverão se apresentar como uma opção que dará vantagens produtivas para os

países das zonas tropicais onde ocorre maior ação fotossintética, viabilizando inclusive a participação dos agricultores familiares nesse mercado. Os biocombustíveis deveriam ser produzidos sem subsídios do governo, deixando-os competir livremente pelo uso dos fatores de produção, sob regras de mercado. A produção de biodiesel no Brasil ainda é incipiente e não precisa ser acelerada com o sacrifício de outras prioridades nacionais. Como o País já tem uma matriz energética majoritariamente baseada em energia renovável, não existe a mesma pressão para produção de biocombustíveis visando à garantia de abastecimento de energia ou para atender questões ambientais como o aquecimento global. Nos Estados Unidos, a destinação de 84 milhões de toneladas de milho em 2008 para a produção de etanol tem sim um impacto sobre a disponibilidade de grãos para alimentação humana e animal.

Não há dúvidas de que a agroenergia é uma importante alternativa para o agronegócio brasileiro, pois temos muito sol, água e terra, necessários para, através da fotossíntese, produzir energia renovável. Entretanto, o suprimento de energia não passa apenas pelos biocombustíveis, mas por diversas alternativas, como a energia eólica e a solar. As leis de mercado nos ensinam que haverá vencedores e vencedores nesse processo de consolidação do setor. Em Santa



Foto de Malcolm Wegner

Corte manual da cana: tendência para substituição por mecanização

Catarina, 90% dos 187 mil estabelecimentos rurais ativos têm menos de 50ha, o que coloca a produção de agroenergia num contexto bem diferente do Brasil Central. Esse predomínio da agricultura familiar indica que a agricultura de Santa Catarina deve priorizar as atividades de alta densidade econômica, com maiores retornos econômicos por unidade de área, permitindo fazer “grandes negócios em pequenas propriedades”. Nesse rol se incluem a produção de frutas, hortaliças, carnes da produção intensiva de animais, leite, mel, peixes, plantas ornamentais, flores, plantas bioativas e atividades não agrícolas que podem se transformar em fontes de renda para as famílias rurais. Ou seja, no redesenho do modelo agrícola familiar do Estado, deve-se buscar a multifuncionalidade do espaço rural e a pluriatividade para as pessoas que nele vivem. Essas atividades requerem o emprego de tecnologias apropriadas, principalmente o uso da irrigação como estratégia para administrar a irregularidade das chuvas que tanto assolam a produção agrícola em Santa Catarina.

É indiscutível que haverá um forte aumento na demanda de proteínas de origem animal nos próximos anos, favorecendo os agricultores familiares que têm nessas atividades o maior potencial para geração de renda, incluindo produção de produtos orgânicos. Biocombustíveis como o etanol e principalmente o biodiesel são “commodities” que tendem a apresentar pequenas margens de lucro por unidade. Os ganhos estão rela-

cionados às economias de escala. Ou seja, é preciso produzir grandes quantidades para se ter uma renda razoável para sustentar uma família. Portanto, as “commodities” não são opção viável para os agricultores familiares, a menos que façam parte de uma cadeia produtiva que permita agregar valor, como transformar o milho em carne, ovos e leite. A agroenergia para produtores familiares é viável, quando se basear em aproveitamento de subprodutos da propriedade, como produção de biogás a partir de dejetos, e de biomassa, como lenha originada de reflorestamentos que aproveitam as áreas marginalmente aptas para agricultura.

A única razão para a produção é o consumo. No momento em que novos consumidores se juntam àqueles dos países desenvolvidos que já estão acostumados à mesa farta, temos algo a comemorar, e nada a lamentar. O mundo ainda tem 887 milhões de pessoas vivendo abaixo da linha da pobreza, e que, portanto, não têm acesso à alimentação adequada. Ao mesmo tempo, já existem 1,2 bilhões de pessoas obesas no mundo segundo a ONU. Também é preciso diminuir o desperdício de alimentos e seu uso mais racional. Milhões de pessoas dos países em desenvolvimento estão tendo a oportunidade de se alimentar com proteínas animais e isso tem demandado um volume maior de grãos que são destinados à alimentação de animais monogástricos. Os preços deverão continuar altos por vários anos. Para o Brasil, este é um cenário promissor, uma “tempestade quase perfeita”. É preciso que o País tire o “s” da crise e “crie” soluções inteligentes. ■



Propriedade rural familiar de Santa Catarina: uso racional da água como estratégia produtiva